



REINTEGRACIONISMO ARMADO (II)

Segunda parte do artigo de Carlos C. Varela. Nesta ocasião leva-nos ao processo de descolonização dos antigos domínios portugueses em África e ao papel de alguns galegos que colaboraram nas lutas contra a metrópole à conquista da independência.

CRIAÇÃO

O ferrolám Alberte Momán nom é alheio ao mundo do jornalismo, que conheceu como colaborador do diário *A Peneira*. Após ganhar distintos certames de poesia, em 2003 obteve o *Prémio Narrativas Quentes* convocado polas Edicións Positivas, com o conjunto de relatos eróticos *O lobo da xente*.

CARLOS VELO

Em 16 de dezembro saiu à luz pública o achado dum filme encontrado num arquivo russo. O filme vinha sendo umha doação à Junta da Galiza por parte do professor russo Vladimir Magidoc, Decano de Humanidades na Universidade Estatal Russa em plena digressão por Espanha para favorecer intercâmbios dentro das indústrias culturais. Mas este agasalho cobrou inusitada importância ao se comprovar que as imagens que continha eram partes desaparecidas do “teórico” filme de Velo intitulado “Galicia”.

MEMÓRIA

O golo de Kempes que matou um patriota galego

Carlos C. Varela

Em 1978, Videla pretendia fazer do Mundial de Futebol da Argentina as suas particulares olimpíadas de Berlim 1936. Se calhar, para confirmar o paralelismo, a comitiva da FIFA que inspecionou as obras para que tudo estivesse à hora foi comandada polo ex-SS Hermann Neuberger. Recordo Galeano que “ao som de uma marcha militar, o general Videla condecorou Havelange na cerimónia da inauguração, no estádio Monumental de Buenos Aires. A uns passos dali, estava em pleno funcionamento o Auschwitz argentino, o centro de tormento e extermínio da Escola de Mecânica da Armada. E alguns quilómetros mais lá, os aviões deitavam os prisioneiros vivos ao fundo do mar”.



Jorge Rafael Videla utilizou o evento ao seu favor

Na Europa, organizou-se o “Collectif Pour le Boycott de l'organisation par l'Argentine de la Coupe du Monde de Football”, e os Montoneros propuseram uma trégua que não recebeu resposta. A sua consigna

de “Argentina campeón, Videla al paredón” só se materializou na primeira parte, com três golos de Marito Kempes a uma seleção neerlandesa da que se ausentara Johan Cruyff. Destacou-se a solidariedade de alguns dos jogadores da Suécia, que no dia da inau-

guração fugiram da cerimónia para acompanhar as Mães da Praça de Maio. Lá devia estar já a cedeirense Dionísia Lopes Amado, ‘Nisa’, a quem o fascismo roubara o seu filho António e a sua nora Stella. O combinado albiceleste estava dirigida por Menotti, mas o

Nobel da Paz galego-argentino Pérez Esquivel queixar-se-ia de que “todos os presos políticos, os perseguidos, os torturados e os familiares dos desaparecidos estávamos a esperar que Menotti dissesse algo, que tivesse um gesto solidário, mas não disse nada. Foi doloroso e mui fodido da sua parte. Ele também estava a fazer política com o seu silêncio”. O de Combarro conseguira sair de prisão só dous dias antes da final.

Contam que durante as celebrações, o júbilo levou os carcereiros fascistas a passearem polo centro de Buenos Aires carrinhas repletas de presos políticos, numa cena entre surrealista e psicótica. Os

berros da multidão deveriam ser uma tortura para a gente que permanecia “desaparecida” dentro das viaturas. Foi entre essa marabunta que encontrou a morte o incansável nacionalista galego Francisco Regueira. Conforme conta Bieito Cupeiro, “morreu diante do Centro Galego investido por um camião acogulado de ‘massa’ futebolística que festejava desatada a conquista do campeonato mundial de 1978”. Regueira nasceu em Minho, e já de cativo emigrou para a Galiza de além-Mar, onde após vários ofícios rematou de agente comercial de uma importante empresa de alimentação. Quando por circunstâncias da vida perdeu o trabalho, dedicou-se em corpo e alma à militância patriótica, especialmente na imprensa comunitária, na direção do jornal “Galicia”, sucedendo o seu mestre Blanco Amor. “Sem lar próprio, sem mulher nem filhos, semelha um missionário que só vive para recriar os conteúdos da sua crença que não era outra do que a Galiza”, aponta Cupeiro.

Embora pertencesse à aza federalista do nacionalismo galego de Buenos Aires –a de Alonso Ríos e Soares Picalho–, a sua relação com os arredistas da Fouce foi estreita e a colaboração contínua. Por exemplo na Instituição Cultural Galega, criada em 1929 para proteger no interior o Seminário de Estudos Galegos da que era presidente, e na que os arredistas d’A Fouce eram grande maioria.

A Argentina estava dirigida por Menotti, mas Pérez Esquivel queixar-se-ia de que “todos os presos políticos, os perseguidos, os torturados e os familiares dos desaparecidos estávamos a esperar que Menotti dissesse algo, que tivesse um gesto, mas não disse nada. Foi doloroso e mui fodido. Ele também estava a fazer política com o seu silêncio”



EM TEMPOS

REINTEGRACIONISMO ARMADO (E II)

A Galiza na luta pola independência das colónias portuguesas em África

Carlos C. Varela

*“Mesejo gharda uma baça/ el si fala portughês
Mesejo leva uma estrela/ vermelha sempre com el
amighos somos do povo!/ amighos e vós tamém!”*

“Mesejo”, Os Diplomáticos de Monte Alto

Estamos em plena celebração do 50 aniversário do sequestro do Santa Liberdade polo DRIL, a primeira organização revolucionária armada galega-portuguesa. O destino do navio era desembarcar na África e atacar os regimes de Franco e Salazar nas suas colónias criando guerrilhas. Ao ser capturado, a frota estadunidense desvia-o a Recife seguindo, desembarcando os passageiros no 3 de fevereiro de 1961 em chão brasileiro. Só um dia depois, a guerra de libertação nacional estalava em Luanda.

Novos dados confirmam que o MPLA estava ao tanto dos planos do DRIL. Um comunicado do MPLA com data de 29 de janeiro de 1961, em nome do Comité Diretor e assinado polo seu presidente Mário Andrade, assegura que “Seguimos com vivo interesse o desenrolar da operação Santa Maria conduzida pelo capitão Henrique Galvão. [...] Só podemos desejar pleno sucesso a todas as medidas dos democratas portugueses que têm como objectivo derrubar o regime de ditadura fascista – o nosso inimigo comum. Mas quanto a um eventual desembarque em Angola do paquete Santa Maria, aguardamos que tal aconteça e que o capitão Galvão defina a sua posição face ao movimento de libertação de Angola e ao direito à autodeterminação dos povos colonizados por Portugal, para que possamos então assumir as nossas próprias responsabilidades”. Repare-se na desconfiança face Galvão, que nem muito menos era um anti-colonialista, e que os galegos do DRIL remataram por odiar polos seus ares de grandeza e falta de seriedade. Quando o Diretório agonizava, Miguel Urbano desloca-se de São Paulo à Guiné-Conakri sob ordens de Velo e Soutomaior, intentar estabelecer contatos com Agostinho Neto e Amílcar Cabral para lançar uma nova frente guerrilheira, mas sem nenhum sucesso nem força real após o “fracasso” do sequestro do Santa Liberdade.

Um dos episódios mais belos de solidariedade galega com Angola será protagonizado polos filhos da Galiza radicados em Cuba que acudirão à chamada internacionalista em dezembro de 1975 quando a África do Sul invade Angola. Entre eles destaca-se Manuel Dias, um revolucionário da Póvoa de Brolhom, Comandante do Exército Rebelde de Fidel alcumado “O Galego”, e que ocupou importantes cargos na Revolução. Pouco depois do triunfo rebelde, deslocar-se-á à Checoslováquia a formar-se na Academia Militar para oficiais. De volta a Cuba, foi chefe de uma brigada de artilharia. Conta Neira Vilas que, “fiel à sua raiz originária, sente e evoca de contínuo a Galiza e fala a nossa língua de jeito tão fluído e espontâneo como quando embarcou em Vigo com dezoito anos”. Quando as tropas da África do Sul invadiram a República Popular de Angola, Cuba envia tropas e Manuel Dias solicita ir como assessor militar dos oficiais angolanos, com grau de coronel.

Em 1865 parte da Corunha o Guadalupe IX, rumo Buenos Aires. À altura das costas de Cabo Verde naufraga, morrendo meio cento de pessoas. Um dos superviventes é uma criança que ficou sem pais: chamar-lhe-ão Eugénio Tavares, lutador pola independência que será considerado o Poeta Nacional de Cabo Verde polas suas belas mornas, um género carregado de saudades, quicá da pátria natal que nunca conheceu. Nessas terras também estivo preso, no cárcere de Tarrafal, o militante da II Agrupação do Exército Guerrilheiro Galego Demétrio Garcia Álvares, “O Pedro”, capturado pola PIDE no enfrentamento do Cambedo. Entre 1977 e 1978 começam a chegar migrantes caboverdianos à instalação de Alúmina, símbolo do sindicalismo nacional-popular, e hoje em Burela trabalham no mar.

Mas foi em Moçambique onde os dous povos melhor se entenderam, numa união telúrica e brutal como



Capa do livro ‘A Nossa Luta’, de Samora Moisés Machel, líder da FRELIMO e primeiro presidente do Moçambique livre

o moçambu. Em 1989 quatro galegos do remolcador Cauderan, encalhados desde o 25 de setembro na praia de Quelimane, na região de Maganja da Costa, são sequestrados pola Resistência Nacional Moçambicana, a RENANO, guerrilha contra-revolucionária que pedia ajuda à CIA contra a FRELIMO. Levados ao seu quartel general, na Serra Goromgosa, contam agora os marinheiros galegos que lhes ensinaram a jogar ao tute com cartas pintadas por eles. Pretendiam intercambiá-los por presos.

Pouco antes do sequestro, partira do remolcador encalhado o noiês Antonio Piñeiro Liñares, contramestre do Magaruque. Conta que a sua experiência fora mui boa: “jogamos ao futebol com a FRELIMO”, que estivera quatro dias com eles por se os podiam ajudar. A história total seria a de Mejuto, o telegrafista da Mercante homenageado polos Diplomáticos de Monte Alto: o que começou como um

sequestro rematou, ao lhe verem os guerrilheiros um chaveiro nacional-popular, num improvisado ato de irmandade galego-moçambicana, copos por meio, falando a mesma língua. Mesmo lateja o espírito galego de Alexandre Fisterra no famoso relato de Mia Couto “O dia em que fuzilaram o guarda-redes da minha equipa”.

Até Fraga se rendiria à evidência e à emoção, quando em 1995 o ministro de Agricultura e Pesca, Carlos Agostinho do Rosário, realizou uma visita oficial à Galiza, e o Iribarne lhe dixo: “é muito o que esperamos da visita do senhor ministro à Galiza, que lhe oferece, com toda franqueza, um especial sentimento de irmandade, porque depois de todo, falamos a mesma língua”.

Para colmo de paradoxos, o homem que instaurou na Galiza uma nova etapa do franquismo chamada “fraguismo”, foi o encarregado, como representante de

Pouco antes do sequestro, partira do remolcador encalhado o noiês Antonio Piñeiro Liñares, contramestre do Magaruque. Conta que a sua experiência fora mui boa: “jogamos ao futebol com a FRELIMO”, que estivera quatro dias com eles por se os podiam ajudar

Franco, de assinar a independência de outra colónia espanhola, a Guiné Equatorial. O discurso que leu em 12 de outubro de 1968 estava carregado de tópicos do neocolonialismo, especialmente quando fala da língua: “o vínculo mais forte que ligará a Guiné Equatorial não apenas com Espanha, mas com as demais nações hispânicas, será a língua espanhola”, que será “a sua língua para a relação universal, a que lhes abre as portas do mundo”, graças a Espanha, claro, que lhe entregou “o precioso legado de um idioma universal que lhes permite expressar-se nas Nações Unidas, distinguir-se dos seus vizinhos e irmanar-se com Espanha”. Se quadra pola grande amizade que Fraga mantém ainda hoje com a oligarquia guineense, estes preferem –outra vez os paradoxos– passarem-se à língua materna do Iribarne, que adotaram em 2007 como língua oficial para intentar entrar na Comunidade de Países de Língua Portuguesa como membro permanente.

E na Guiné que nos falta a tocar, a Guiné-Bissau, encontramos em 1973 o redondelá Durán Clemente organizando e recrutando gente para o Movimento dos Capitães que faria a Revolução dos Cravos. Nesse país, como tantos outros militares, tomaria consciência da opressão colonial e a necessidade de combatê-la.



FUERTEVENTURA

Maximiliano Navarro

A ilha de Fuerteventura: destino turístico e destino da emigração galega. Umha paisagem em que se destaca fortemente a crise imobiliária refletida nas construções de blocos abandonados, salpicados de ferralha, palés e cartazes de prazos de finalização de obra incumpridos.

CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de sentido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No NOVAS DA GALIZA pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número achegamos um texto literário para

gozarmos das nossas letras, num projecto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para literaria@novasgz.com.

O escritor ferrolám Alberte Momán, autor do romance *O alento da musa* (2007), além de numerosos livros de poemas, e premiado com galardons como o Prémio Narrativas Quentes, achega-nos desta vez um conto estarecedor sobre a vida e a morte.



por Alberte Momán

Invernía

-A paternidade, longe doutras obrigas materiais, é un vínculo afetivo. A responsabilidade, portanto, de alimentar esse vencelho, estabelecendo umha linguagem compreendida polas partes, que dê vigor a tal nexo dende os primeiros anos, para que com a passagem do tempo se faga indivisível.- Levanto a vista e sinto, pola primeira vez, un frío que penetra por cada físgoa até ferir o osso, projetando un objeto pungente que perfura até a medula. Dende esta posição, a superfície se me mostra baixo a lente dum material gelado que distorce as formas, fazendo-as só perceptíveis polas cores que preservam integramente a sua entidade. -Se som incapaz de perceber umha realidade como esta, concreta e tangível, como hei discernir entre o que é bom ou mau para umha criatura quem de me ceder em depósito, com ingénua confiança, a responsabilidade de toda umha vida? Por que, no momento de estabelecer umha uniom tam íntima, as verdades inalienáveis esgrimidas com firmeza, voltam-se frábeles e insustentáveis para umha criatura a que ceder a sabedoria de anos de experiência, e sobre a que depositar o legado dumha ética minuciosamente elaborada e amplamente contrastada polos teóricos do pensamento máis refutados? A minha debilidade só pode ser fruto do medo. O medo, que dá significado á verdadeira escravidom. Medo a que umha montanha de preconceitos, amplamente superados por mim como adulto consciente e preceptivamente anti-social, como mostra indubitável

de inteligência e superação, caiam com gravosa contun-dência sobre o feble corpo dumha criatura em formação. Por que nom guardá-la para mim, fora das gadoupas dumha dura mole de concorrência que com abjetas argú-cias tentará aniquilar os méritos e aptitudes, sensíveis e criativos, deste ser?- Volto o rosto cara um lado e o outro. Umha lene película verde cobre as superfícies, enturbando o ambiente com deposições finíssimas com que outros, coma mim ou sem semelhança nenhumha, saciam o seu apetite, projetando-se imisericordioso, com afouta determinação, sobre as particulas de vida suspendidas no fluído elemento. Com un movimento de contração das articulações anteriores e posteriores, desloco-me cara umha beira, afastando-me do tumulto. -A alimentação é un processo em que o hábito se estabelece como un elemento fundamental. O escasso controlo sobre a cadência e os tempos em tal hábito, denota un descontrolo na personalidade. Umha pueril forma de gozo irracional e incontrolado, conseqüente dumha desordem afetiva. Este compulsivo referente é o que impera em toda a aprendizagem. Mas o que há da calma, do aproveitamento máximo de cada momento, com independência da sua finalidade última? Nunca a inércia pode ser un método de aprendizagem, nunca as concessões à mediocridade, nunca o mero estímulo visual, nunca essas estrelas do fútil, essa essência do banal, do desprezível. Mais, como escapar? Como se induz cara ao critério a umha mente tam inexperiente?- Umha corrente inesperada, libera a visom de corpos aboiando como inertes, aguardando o tempo que nom passa. Sobre umha rocha, busco umha

manifestação que clarifique as minhas ideias, umha comunicação a um mundo que carece dos máis elementais percetores de estímulos. Exponho-me perante un público ausente, inquirindo umha pergunta após outra, sem aguardar resposta possível, no silêncio balbuciante do meio aquoso. Por riba de mim, sobre a tona gelada, as formas sucedem-se, alheias ao acontecer dum outro mundo tam distante, fora do seu entendimento. Mas, de súpeto, umha turba corrente expulsa-me do meu púlpito. Tento voltar sobre os meus passos, mas umha força superior impede-me. A inutilidade dos meus gestos faz com que se esvaeçam os meus folgos, e aos poucos vou perdendo as ânsias, até ficar varado junto a umhas algas que me esfregam as costas e acarinham o meu rosto. A corrente, incessante, semelha querer impedir a minha declaração a um mundo ofuscado por un ser que nom se esconde, que vence o temor do diverso, achegando-se, estudando a diferença, para ser máis ele mesmo, máis forte. A defesa infrutuosa da minha integridade praticada polas algas nom impede que un espécime da família dos salmonídeos perpetre o seu máis cruel delito, motivado polo máis primitivo instinto, seccionando a moleza do meu corpo, separando-me das minhas valiosas extremidades, surpreendidas pola agressom. É possível que a minha morte seja lei de vida, mas com o meu último alento profiro un reivindicativo adeus que advogue pola independência dum ser tam feble, formoso e ainda... imberbe.



LÍNGUA NACIONAL

Teste de sedução

Valentim R. Fagim

Imagina-te nos contextos comunicativos que aparecem a seguir e marca a frase com que te sentirias mais identificada:

Alguém defende o galego é o português serem línguas diferentes.

- A) “És um regionalista”
- B) “O galego e o português som a mesma língua por isto, isso e aquilo”
- C) “Eu vivo a minha língua como sendo a mesma que a de portu-

gueses e brasileiros”

Num debate na rede sobre um tema qualquer, alguém que defende a opção A comete um erro linguístico.

- A) “És um castrapeiro”
- B) “Nom é X, é Y pola razom X”
- C) “Eu penso que é melhor B porque...”

Umha pessoa galega que conhe-

ces lê Saramago e Paulo Coelho em castelhano.

- A) “És umha alienada”
- B) “É melhor ler sempre no original”
- C) “Vou-te passar um texto em português para que vejas o fácil que é e o muito que sabes”

Num foro na rede alguém afirma: *con el español me llega, para que quiero el gallego?*



- A) “És um colonizado”
- B) “Eu com o galego arranjo-me bem.”
- C) “Bom, eu na verdade sou mais feliz somando do que restando”

Marca agora com 1 ponto as respostas A), com 2 pontos as respostas B) e com três pontos as respostas C) e soma os pontos obtidos.

Se tiveres entre 1 e 4 pontos, a língua para ti é umha forma de **desabafo**.

Se tiveres entre 5 e 8 pontos, a língua em ti está **racionalizada**.

Se tiveres entre 9 e 12 pontos, a língua em ti está **naturalizada** e és umha **sedutora**.

CAMPA AUDIOVISUAL

Ficções sobre a ‘Galicia’ de Velo (I)

Xurxo Chirro

Em 16 de dezembro saiu à luz pública o achado dum filme encontrado num arquivo russo e que era de supor, por umha etiqueta que tinha a lata, que tinha uns conteúdos sobre a Galiza. O filme vinha sendo umha doação à Junta da Galiza por parte do professor russo Vladimir Magidoc, Decano de Humanidades na Universidade Estatal Russa em plena digressom por Espanha para favorecer intercâmbios dentro das indústrias culturais. Mas este agasalho cobrou inusitada importância ao se comprovar que as imagens que continha eram partes desaparecidas do “teórico” filme de Velo intitulado “Galicia”.

Após várias análises por técnicos do CGAI e da Universidade de Santiago de Compostela, estas imagens tornaram-se num elemento de discórdia dentro da historiografia galega e, concretamente, dentro dum dos episódios mais referenciados, polas suposições criadas, e o mais elíptico, pola indefinição dos feitos. Obviamente, estas imagens abrem ainda mais as feridas sobre o que se passou sobre o filme documentário que o diretor de Cartelhe, Carlos Velo, dedicou expressamente para homenagear a Galiza.

Mas entom, se estamos a falar dum documentário, por que nos referimos às “ficções” de “Galicia”? O título deste artigo nom deixa de ser irónico, porquanto é o

único jeito constatável de falar de todo o que acocha este filme, que tradicionalmente foi nomeado como “o passado mais glorioso do cinema galego”. Mas, a jeito de resumo, há que comentar que a realização do filme foi do mais acidentada, cheia de circunstâncias alteradoras; depois, o filme desapareceu enchendo-se dumha aura e dum misticismo fortemente manipulado por opiniões possibilistas e, por último, foram conhecidos vários fragmentos que desestabilizou a historiografia galega enchendo o “enigmático” filme de multitudes de hipóteses e de condicões ideológicas.

Nesta altura, vou dar conta do que se conhece até agora. A origem deste filme de Carlos Velo (Cartelhe, 1909 – México D.F., 1988) deve ser supostamente situado quando remata a filmagem nos primeiros dias do verão de 1936. O realizador ourensán possuía umha nutrida experiência como documentalista em filmes realizados loando as excelências de progresso da República. Mas com o começo da Guerra Civil, o filme começa o seu errático devir. Por um lado, questiona-se quem puído ser o montador do filme, já que Velo se viu recluído em Cartelhe e depois foi parar a Marrocos para filmar baixo a interesse da Ufa nazi e os mandos franquistas: “Romancero marroquí” (1938).

O filme (nom sei se utilizar essa palavra porque nom se sabe até que ponto estava concluído) foi manipulado polo produtor do filme Fernando Mantilla. Este persona-



gem realizou unha montagem (ou remontagem) para apresentar o filme dentro da Exposiçom Universal de Paris de 1937, onde o Governo legítimo da II República converteu o seu pavilhoom num grito contra a barbárie franquista. A montagem de Montilla, reconhecido membro do Partido Comunista, torna-se mais política e

ideológica com associaçom de planos mais militantes e com umha voz em “over” que remarcava as intençom.

Em 1939, no castelo de Figueres, cenário dos últimos bombardeamentos franquistas sobre as colunas republicanas, o produtor Fernando Gamboa encontrou uns rolos de celulóide que se corres-

pondiam com o “Galicia”, de Carlos Velo. Gamboa puído ser o nexo de uniom com a URSS através da embaixada em Paris, ainda que provavelmente fosse a versom mostrada em 1937 a que chegara ao “país dos soviets” e fora, finalmente, a que manipulou Sther Shub para o seu documentário “Ispanija” (1939), tal como no seu momento demonstrara a professora Margarita Ledo.

Outra pista (falsa ou nom, ainda está por ver) levou a pensar que umha copia desse filme chegara à diáspora argentina; concretamente o artista Luís Seoane é quem fai avaliaçom sobre “Mariñeiros”, de José Suárez (outro filme galego de reminiscências míticas) e de “Galicia”, de Carlos Velo. Sobre a primeira escreveu umha crítica na revista “Galicia” e sobre a segunda falou no programa radiofónico “Galicia Emigrante”, em 1962, indicando que só se conservava umha cópia do filme numha filmoteca particular dos EUA.

Mas em 1985 ocorre parte do milagre, na homenagem que a XOCIVIGA do Carvalhinho, Carlos Velo comparece com umha cópia em vídeo de “Galicia”, duns 8 minutos. Um fragmento com a voz em “over” que lhe puxo Mantilla e que foi o motivo dumha série de avaliaçom e comentários em que tentaremos afundar e rebater na segunda parte deste artigo, tendo em conta já a visualizaçom dos 13 minutos novos procedentes da Rússia que se relacionam com o projeto – deixemo-lo assim – “Galicia”, de Carlos Velo.